

Lara Adrian

O VÉU DA MEIA-NOITE

Tradução
Rita Figueiredo

*Quinta Essência**

Para a Lindsey,
uma magnólia de aço com um coração de ouro maciço.
Este livro é para ti, na esperança de dias melhores
e mais felizes.



1

No palco do cavernoso clube de *jazz* abaixo do nível da rua em Montreal, uma mulher de lábios vermelhos cantava ao microfone a crueldade do amor. Embora a sua sedutora voz fosse suficientemente agradável, e a letra que falava de sangue, dor e prazer fosse sentida, Nikolai não estava a ouvir. Perguntava-se se ela saberia – se algum dos muitos humanos apinhados no clube saberia – que estava a partilhar o espaço com vampiros.

As duas jovens fêmeas que bebiam martínis no banco do canto escuro com certeza não sabiam.

Encontravam-se ensanduichadas entre quatro desses indivíduos, um grupo de machos vestidos de cabedal que estavam a tentar engatá-las – sem muito êxito – e a esforçarem-se por disfarçar que os seus olhos sedentos de sangue tinham estado permanentemente fixos nas jugulares das mulheres durante os últimos quinze minutos. Embora fosse claro que os vampiros tentavam convencer as humanas a saírem do clube com eles, não pareciam estar a fazer grandes progressos com as suas possíveis Anfitriãs de sangue.

Nikolai riu-se baixinho.

Amadores.

Pagou a cerveja que deixara intacta no balcão e dirigiu-se para a mesa do canto. Enquanto se aproximava, viu as duas fêmeas humanas escapulirem-se do compartimento, com as pernas trémulas. A rir, cambalearam juntas para a casa de banho, desaparecendo por um corredor mal iluminado e cheio de gente.

Nikolai sentou-se à mesa com uma pose descontraída.

– Boa noite, minhas senhoras.

Os quatro vampiros olharam para ele em silêncio, reconhecendo instantaneamente a sua própria espécie. Niko levou um dos copos de martíni manchado de batom ao nariz e farejou a bebida frutada. Fez uma careta, afastando o copo para o lado.

– Humanos – disse em voz baixa. – Como podem beber esta porcaria?

Um silêncio cauteloso abateu-se sobre a mesa enquanto o olhar de Nikolai viajava entre os obviamente jovens, obviamente civis machos da Raça. O mais alto dos quatro aclarou a garganta ao olhar para Niko, o seu instinto sem dúvida a captar que ele não era dali e estava longe de ser civilizado.

O jovem adotou aquilo que provavelmente pensava ser um ar de durão e inclinou o queixo para o corredor onde estavam as casas de banho.

– Nós vimo-las primeiro – murmurou ele. – As mulheres. Vimo-las primeiro. – Pigarreou de novo, enquanto esperava que o seu trio de capangas o apoiasse. Nenhum o fez. – Chegámos aqui primeiro. Quando as fêmeas voltarem, vão sair daqui connosco.

Nikolai riu-se ante a fraca tentativa do jovem para demarcar o seu território.

– Achas mesmo que haveria alguma competição se eu estivesse aqui para levar a tua caça? Descontraí-te. Não estou interessado nisso. Ando à procura de informações.

Já repetira a mesma lengalenga duas vezes naquela noite noutros clubes, procurando os locais onde os membros da Raça costumavam reunir-se para caçar sangue, à procura de alguém

que pudesse encaminhá-lo na direção de um vampiro muito antigo chamado Sergei Yakut.

Não era fácil encontrar alguém que não queria ser encontrado, especialmente um homem reservado e nómada como Yakut. Estava em Montreal, disso Nikolai tinha a certeza. Falara com o vampiro recluso ao telefone algumas semanas antes, quando o localizara para o informar de uma ameaça que parecia dirigida aos membros mais raros e poderosos da Raça – os cerca de vinte indivíduos ainda vivos que tinham nascido da Primeira Geração.

Alguém andava a tentar extinguir os vampiros de Primeira Geração. Vários tinham sido mortos no mês anterior e para Niko e os seus irmãos em Boston – um pequeno grupo de guerreiros altamente preparados e letais conhecidos como a Ordem – erradicar e enclausurar os assassinos dos vampiros de Primeira Geração tinha a máxima prioridade. Por isso, a Ordem decidira contactar todos os Primeira Geração conhecidos que viviam entre a população da Raça e conseguir a sua cooperação.

Sergei Yakut mostrara-se muito pouco interessado em ser envolvido no assunto. Não temia ninguém e tinha o seu próprio clã para o proteger. Declinara o convite da Ordem para ir a Boston e conversar pelo que Nikolai fora enviado a Montreal para o persuadir. Assim que Yakut tomasse consciência do alcance da ameaça – a surpreendente verdade acerca daquilo que a Ordem e toda a Raça enfrentava – Nikolai tinha a certeza que o vampiro estaria disposto a ajudá-los.

Primeiro tinha de encontrar o evasivo filho da mãe.

Até ao momento, a sua investigação pela cidade não havia dado em nada. A paciência não era exatamente o seu forte, mas tinha toda a noite e continuaria a fazer perguntas. Mais cedo ou mais tarde, alguém poderia dar-lhe a resposta que procurava. E, se continuasse de mãos a abanar, se fizesse perguntas suficientes, Sergei Yakut poderia vir à sua procura.

– Tenho de encontrar uma pessoa – disse Nikolai aos quatro jovens da Raça. – Um vampiro da Rússia. Da Sibéria, mais precisamente.

– É daí que vens? – perguntou o porta-voz do grupo. Pelos vistos, apercebera-se do ligeiro sotaque que Nikolai não perdera ao longo dos muitos anos que passara nos Estados Unidos com a Ordem.

Niko deixou que os seus olhos de cor azul glacial falassem das suas origens.

– Conheces esse homem?

– Não, pá. Não conheço.

Duas outras cabeças agitaram-se imediatamente em negação, mas o último dos quatro, o carrancudo que estava esparado no compartimento, lançou um olhar ansioso a Nikolai do outro lado da mesa.

Niko apercebeu-se desse olhar revelador e fixou-o.

– E tu? Tens alguma ideia de quem estou a falar?

A princípio, achou que o vampiro não fosse responder. Olhos velados fitaram os seus em silêncio e depois, finalmente, encolheu um dos ombros e exalou uma imprecação.

– Sergei Yakut – murmurou.

O nome foi dito em voz muito baixa, mas Nikolai ouviu-o. E, pelo canto do olho, notou que uma mulher com o cabelo cor de ébano sentada ao balcão perto deles também ouvira. Percebeu-o pela súbita rigidez da sua coluna sob a camisola preta de manga comprida e pela maneira como a sua cabeça se virou por momentos para o lado, como se puxada pelo simples poder daquele nome.

– Conhece-lo? – perguntou Nikolai ao macho, enquanto mantinha o olhar fixo na morena do balcão.

– Ouvi falar *dele*, só isso. Ele não vive nos Refúgios – disse o jovem, referindo-se às várias comunidades seguras que albergavam a maioria das populações civis da Raça por toda a América do Norte e Europa. – O gajo é desagradável, pelo que ouvi.

Sim, era, admitiu Nikolai para si.

– Alguma ideia de onde o posso encontrar?

– Não.

– Tens a certeza? – perguntou Niko, vendo a mulher do balcão descer do banco e preparar-se para partir. Ainda tinha mais de meio *cocktail* no copo, mas à mera menção do nome de Yakut pareceu subitamente cheia de pressa para sair dali.

O jovem da Raça abanou a cabeça.

– Não sei onde encontrar o tipo. Também não conheço ninguém que estivesse disposto a procurá-lo, a menos que tivesse vontade de morrer.

Nikolai olhou por cima do ombro enquanto a morena alta abria caminho através das pessoas reunidas ao fundo. Então, por impulso, voltou-se para o olhar com os seus olhos verdes como o jade a aparecerem sob as pestanas pretas e o cabelo brilhante pelo queixo. Havia uma nota de medo nos seus olhos enquanto lhe devolvia o olhar, um medo nu que ela nem tentava ocultar.

– Raios me partam – murmurou Niko.

Ela sabia algo sobre Sergei Yakut.

Algo mais do que um conhecimento passageiro, supunha ele. Aquele olhar assustado e cheio de pânico enquanto dava meia volta e corria para a saída dizia tudo.

Nikolai foi atrás dela. Abriu caminho através da multidão de humanos que enchiam o clube, os olhos pousados no sedoso cabelo preto da sua presa. A mulher era rápida e ágil como uma gazela, a sua roupa e cabelo escuros praticamente permitiam-lhe desaparecer no ambiente.

Mas Niko era da Raça e não havia nenhum humano que pudesse deixar para trás alguém como ele. Ela saiu pela porta do clube e virou rapidamente à direita na rua. Nikolai seguiu-a. Ela devia tê-lo pressentido atrás de si porque voltou a cabeça para avaliar a perseguição e aqueles olhos verde-claros fixaram-se nele como *lasers*.

Começou a correr mais depressa, dobrando a esquina no final do quarteirão. Dois segundos mais tarde, Niko estava lá também. Sorriu quando a viu alguns metros à frente. O beco em que ela entrou, entre dois prédios altos, era estreito e escuro – um beco sem saída com um contentor metálico ao fundo e uma vedação de arame com uns três metros de altura.

A mulher, arquejante, girou sobre os saltos finos das suas botas pretas, de olhos pousados nele, a observar todos os seus movimentos.

Nikolai deu alguns passos na direção do beco mal iluminado, depois parou, as mãos afastadas num gesto apaziguador.

– Está tudo bem – disse. – Não é preciso fugir. Só quero falar contigo.

Ela olhou-o em silêncio.

– Quero fazer-te perguntas sobre o Sergei Yakut.

Ela engoliu em seco, movimento aparente no seu pescoço branco e macio.

– Conhece-lo, não é verdade?

O canto da boca dela elevou-se apenas um pouco, mas o suficiente para lhe dizer que tinha razão – estava familiarizada com o solitário vampiro de Primeira Geração. Agora se podia conduzir Niko até ele era outro assunto. Naquele momento, era a sua melhor, possivelmente a única, esperança.

– Diz-me onde ele está. Preciso de o encontrar.

As suas mãos junto ao corpo fecharam-se em punhos. Tinha os pés ligeiramente afastados, como se estivesse preparada para sair a correr. Niko viu-a olhar subtilmente para uma porta velha à sua esquerda.

A mulher lançou-se para ela.

Niko praguejou entre dentes e lançou-se atrás dela a toda a velocidade. Quando ela abriu a porta nas suas dobradiças enferrujadas, Nikolai estava à frente dela, bloqueando-lhe o caminho para a escuridão do outro lado. Ele riu-se considerando o quão fácil fora.

– Eu disse que não era preciso correr – observou ele, encolhendo ligeiramente os ombros enquanto ela retrocedia um passo. Niko deixou a porta fechar-se atrás dele enquanto seguia o seu lento retrocesso para o beco.

Jesus, ela era arrebatadora. Só conseguira um vislumbre dela no clube, mas agora, apenas a alguns metros de distância, deu-se conta que era absolutamente espantosa. Alta e esguia, curvilínea sob a roupa preta, com uma irrepreensível pele branca como o leite e luminosos olhos amendoados. O seu rosto em forma de coração era uma combinação cativante de força e suavidade, a sua beleza era simultaneamente luz e treva. Nikolai sabia que estava boquiaberto, mas não conseguia evitar.

– Responde-me – disse. – Diz-me o teu nome.

Estendeu o braço para ela, um movimento fácil e nada ameaçador. Sentiu a adrenalina que inundou a corrente sanguínea dela – sentiu o penetrante cheiro cítrico no ar, de facto –, mas não viu o pontapé circular a vir na sua direção até levar com o afiado salto da bota dela em cheio no peito.

Raios!

Balançou para trás, mais admirado que desequilibrado.

Foi o que lhe bastou. A mulher saltou de novo para a porta, conseguindo agora desaparecer no edifício escuro antes que Niko pudesse voltar-se e detê-la. Ele perseguiu-a.

O sítio estava vazio, muito cimento sob os seus pés, tijolos nus e vigas expostas a toda a volta. Uma ligeira sensação de premonição causou-lhe um formigueiro na nuca quando entrou mais na escuridão, mas toda a sua atenção estava posta na mulher parada no centro do espaço vazio. Ela observou-o enquanto ele se aproximava, cada músculo do seu magro corpo tenso e preparado para atacar.

Nikolai sustentou aquele olhar acutilante enquanto parava diante dela.

– Não te vou fazer mal.

– Eu sei. – Ela sorriu, apenas uma ligeira curva dos lábios.
– Não terás essa oportunidade.

A sua voz era suave como veludo, mas o brilho dos seus olhos verdes tinha um matiz frio. Sem aviso, Niko sentiu uma súbita e dolorosa tensão na cabeça. Um som de alta frequência explodiu nos seus ouvidos, mais alto do que podia suportar. Depois ainda mais alto. Sentiu as pernas a ceder. Caiu de joelhos, com a visão a falhar enquanto a cabeça parecia prestes a explodir.

À distância, apercebeu-se do som de botas a aproximarem-se – vários pares, pertencentes a machos altos, todos vampiros. Vozes abafadas zumbiram sobre ele enquanto sofria um repentino e debilitante ataque à sua mente.

Era uma armadilha.

A cabra tinha-o guiado deliberadamente até ali, sabendo que ele a seguiria.

– Bom trabalho, Renata – disse um dos machos que entrara.
– Podes libertá-lo agora.

A dor de cabeça de Nikolai abrandou um pouco com aquela ordem. Ele levantou os olhos a tempo de ver o belo rosto da sua atacante a fitá-lo de cima.

– Tirem-lhe as armas – disse ela aos companheiros. – Temos de o levar daqui antes que recupere as forças.

Nikolai praguejou, mas a voz afogou-se-lhe na garganta, e ela já estava a afastar-se, os seus saltos a fazerem barulho no chão frio de cimento sob ele.



2

Renata estava ansiosa por sair do armazém. Tinha o estômago às voltas. Um suor frio cobria-lhe a testa e a parte de trás do pescoço. Ansiava pelo ar fresco da noite, como se fosse o seu último fôlego, mas continuou a caminhar a um ritmo firme e regular. Os punhos cerrados ao lado do corpo eram o único indicador externo de que não estava, na verdade, calma e controlada.

Sentia-se sempre assim depois de usar o poder debilitante da sua mente.

Já no exterior, engoliu rapidamente algumas golfadas de ar. O fluxo de oxigénio arrefeceu-lhe a garganta, que parecia queimar, mas teve de se conter para não se curvar com a dor crescente que corria como um rio de fogo dos seus membros para o centro do seu ser.

– Raios – murmurou para a escuridão vazia, balançando ligeiramente o corpo em cima dos saltos altos. Respirando fundo mais algumas vezes, fitou o piso negro sob os seus pés e concentrou-se unicamente em recompor-se.

Atrás dela soaram então os passos rápidos e pesados de botas a virem do exterior do armazém. O som fê-la erguer bruscamente a cabeça e compor uma imagem de apatia e des-

ligamento que escondesse a tensão que tinha estampada no rosto.

– Tenham cuidado com ele – disse, olhando para o corpo volumoso e praticamente inconsciente do macho que tinha incapacitado e que estava agora a ser carregado como uma simples peça de caça pelos quatro guardas que trabalhavam com ela. – Onde estão as suas armas?

– Toma.

Um saco de couro preto foi lançado sem aviso na sua direção por Alexei, que tinha sido designado líder da missão daquela noite. Ela não pôde deixar de reparar no sorriso convencido no rosto dele quando o pesado saco carregado de metal embateu contra o seu peito. Sentiu o impacto como se lhe tivessem cravado mil pregos na pele e músculos sensíveis, mas apanhou-o e pôs a alça comprida ao ombro, sem soltar um único gemido de desconforto.

Mas Lex sabia. Conhecia a sua fraqueza e nunca a deixava esquecer-la.

Ao contrário dela, Alexei e os seus outros companheiros eram vampiros – todos eles da Raça. E não duvidava que o mesmo era verdade em relação ao seu cativo. Sentira-o quando o vira pela primeira vez no clube, suspeita que fora confirmada quando conseguira dominá-lo com a sua mente. A sua capacidade psíquica era formidável, mas tinha limitações. Só funcionava em membros da Raça; as células cerebrais mais simples dos humanos não eram afetadas pela explosão de alta frequência que conseguia projetar mentalmente com pouco mais de um momento de concentração.

Renata era humana, ainda que com uma constituição ligeiramente diferente da grande maioria dos *Homo sapiens* comuns. Entre Lex e os da sua espécie, era conhecida como Companheira de Raça, uma das poucas fêmeas humanas que nasciam com capacidades extrassensoriais únicas e uma capacidade ainda mais rara de se reproduzir com sucesso com os da Raça. As